

16º CONCURSO FNLIJ LEIA COMIGO! 2017

RELATO REAL

O CHEFE DA POLÍCIA MANDOU AVISAR QUE LÁ NO CABRITA AINDA HÁ MUITO O QUE SONHAR...

Autora: Jenny Iglesias Polydoro Fernandez

Rio de Janeiro – RJ

O ano de 2016 conjugou o quarto centenário de morte de William Shakespeare e de Miguel de Cervantes e o centenário do Samba. Com dois temas tão relevantes, nossa escola organizou uma Semana Literária com o objetivo de contemplar grandes clássicos da literatura e a importância do Samba como patrimônio cultural da humanidade. O espaço de ensino refere-se à Escola Municipal Francisco Cabrita, unidade que atende ao bairro da Tijuca e adjacências, com jovens entre 10 e 15 anos, que estudam no 2º segmento do ensino fundamental.

A proposta desta Semana surgiu de uma conversa informal com alguns professores que desejavam implementar uma prática pedagógica que pudesse democratizar a Arte na escola e estimular a leitura literária dos alunos. Em conjunto com a direção, coordenação, corpo docente, e funcionários da escola, definimos que a Semana Literária seria o projeto da Francisco Cabrita, de todos nós, já que “sonho que sonha só é só um sonho que sonha só... sonho que sonha junto é realidade”.

Sob a coordenação da professora regente da Sala de Leitura, iniciou-se a divulgação do evento para todas as turmas do colégio. Os alunos receberam explicações e informações sobre o projeto e o mais importante: foram convidados a participar com ideias e propostas! Nossa intenção era estimular a autonomia dos estudantes a partir do momento que eles se apropriassem do evento.

Intitulada “Donga convida: Shakespeare, Cervantes e quem mais chegar...”, a Semana Literária tinha como fios condutores os clássicos da Literatura e a história do Samba. Então, este projeto foi desenvolvido através das leituras compartilhadas em salas de aula, com a parceria entre a professora da Sala de Leitura e os professores das demais áreas do conhecimento.

Assim, entre setembro e novembro de 2016, todas as 14 turmas da Francisco Cabrita fizeram a leitura, de pelo menos, um clássico da Literatura em sala de aula. De forma criteriosa, foram escolhidas boas adaptações de *Romeu e Julieta*, *A megera domada* e *Otelo*, de Shakespeare; *Dom Quixote de La Mancha*, de Cervantes; *A volta ao mundo em 80 dias*, de Júlio Verne; *Helena*, de Machado de Assis. Somadas a estas leituras, ensaios de músicas de Cartola, Ismael Silva e Pixinguinha ecoavam pelos corredores da escola.

Sabemos dos impactos que criamos ao entrar em salas de aulas de matemática, por exemplo, para lermos os clássicos. A mudança da visão tradicional em que “tenho de dar matéria para prova” abre espaço para: “que bom, vamos ler juntos!” Este movimento se repetiu nas aulas de inglês, de história, de geografia, de ciências, de português... E gerou uma boa expectativa entre alunos e professores que já esperavam “a hora da leitura”! Interessante foi receber notícias de que muitos professores foram contagiados e resolveram

ler com as turmas outras obras, e assim, houve turmas que leram até mais de um título ao mesmo tempo.

Estes encontros eram semanais e a leitura era feita por capítulos sempre com a participação voluntária dos alunos, que aos poucos foram vencendo a timidez de ler em voz alta para toda a turma e as suas próprias limitações. Então, neste período, entre alunos e professores, ultrapassamos o número de 500 leitores lendo histórias, conhecendo personagens e se apropriando dos textos literários. Fato que é motivo de orgulho para a nossa comunidade escolar e também ajuda a explicar o protagonismo dos estudantes nos belos trabalhos nos murais e nas paredes, nos ensaios teatrais, nas conversas sobre os textos, nas leituras dramatizadas, nos sambas cantarolados e, também, no nervosismo dos alunos que dramatizaram, com orgulho, trechos de algumas obras lidas.

A programação da Semana Literária foi extensa e contou com a visita de escritores renomados como: Júlio Emílio Braz e Luciana Sandroni. Foram bate-papos descontraídos em que alunos e professores puderam perguntar, expor suas opiniões e conhecer mais sobre o ofício da leitura e da escrita.

A participação dos professores e funcionários em declamações de poesias, leituras de textos e músicas e apresentação de jograis foi um exemplo bonito para os alunos que puderam assistir a estes profissionais que tinham como único objetivo emocionar o público. Emoção também todos sentiram, na abertura da Semana, quando uma turma cantou músicas do mestre Cartola, ou ainda, ao ouvir o coro afinado de um outro grupo cantar Não deixe o samba morrer, eternizado na voz da intérprete Alcione.

O evento incluiu ainda palestras que abordaram desde a importância do estímulo à leitura na mais tenra idade até o jovem leitor que se apaixona pela obra de Clarice Lispector e de Machado de Assis; a Literatura de Cordel foi apresentada para uma plateia atenta, que, também, lotou o auditório para assistir o espetáculo teatral Acorda Amor, com a atriz Florência Santangelo.

Em espaços abertos da nossa escola, recebemos com entusiasmo os jovens ritmistas da Bateria da Império da Tijuca, e o grupo de dança Origens que nos presenteou com performances afrodescendentes. Nestas apresentações, nossos alunos, também ritmistas e dançarinos, sentiram-se à vontade para participar e entraram na roda para celebrar a pluralidade cultural do nosso povo.

Durante alguns meses, nossa escola se envolveu e abraçou a ideia de realizar uma Semana Literária, e quem poderia acreditar lá em julho que em final de novembro, quando nossas forças já se foram, num difícil 2016, a gente ainda veria uma escola colorida, alunos com livros para cima e para baixo, professores agitados, todo corpo da escola, todo, envolvido porque queria ver Donga, Cervantes, Shakespeare e quem mais chegasse... e chegou muita gente!

RELATO FICCIONAL

O LIVRO DA CAPA VERMELHA

Autor: Sônia Travassos

Rio de Janeiro - RJ

Quando era pequena, Nina ouvia muitas histórias contadas pela mãe, num livro de capa vermelha, recheado de histórias antigas. Suas preferidas

eram Cachinhos Dourados e O Lobo e os sete cabritinhos. De Cachinhos Dourados a menina gostava porque também possuía cachinhos e, dentre as três irmãs, era a que tinha o cabelo mais alourado. Por isso seu pai a chamava de “cachinhos dourados do pai”. Mas havia outra história que, por motivos bem diferentes, também a encantava, fazendo seu coração palpitar. Era O Lobo e os sete cabritinhos. O que mais a impressionava neste conto era a ilustração do lobo entrando na casa dos cabritinhos e estes, apavorados, se escondendo onde podiam. Porém, o malvado acabava por descobrir todos os esconderijos e comia cada um dos cabritinhos, menos o mais novo, que se escondia dentro da caixa do antigo relógio da sala. Ufa! Pelo menos havia sobrado um, pensava a menina, e debruçava-se ansiosa sobre a única ilustração colorida da história e que parecia se movimentar diante das emoções da cena. O olhar da menina detinha-se em cada detalhe da ilustração, em cada esconderijo, em casa móvel virado, até que encontrava no canto da página, na fresta entreaberta da porta do antigo relógio, o cabritinho que se salvara da fome do lobo. Só dava pra ver um pedacinho dele, mas ele estava sempre ali. Bem escondidinho.

Os anos se passaram, Nina cresceu, virou mãe, virou professora. Contava histórias diariamente, para seus filhos e para as crianças da escola onde trabalhava. Adorava! Certo dia, quando pensava em que história leria para seus alunos, lembrou-se daquele conto, daqueles cabritinhos escondidos e daquele lobo que a todos devorava. Mas como era mesmo a história? Não se recordava bem. Tentou puxar pela memória, mas em sua lembrança de menina, ficara apenas o momento no qual a ilustração mostrava a casa revirada e os cabritinhos sendo descobertos.

Nina gostava de contar a seus alunos as histórias que ouvira na infância, poderia repetir alguma delas. Mas naquele dia era O Lobo e os sete cabritinhos que ela queria contar. Não sabia bem porque, mas a necessidade daquela história já tomara conta dela. Foi então que se lembrou do livro de capa vermelha. Claro! Ela o havia trazido na mudança para a nova casa. Correu na estante do quarto dos filhos e, misturado aos livros de seus meninos, no canto de uma prateleira, lá estava ele. O livro de sua infância. Com uma cegonha e um lobo na capa e a folhas amareladas do tempo. Foi com o coração palpitando que puxou o velho livro da prateleira, abriu-o com cuidado e começou a folheá-lo. Lá estavam todos eles: o lobo, os sete cabritinhos, a Cachinhos Dourados, a Dona Baratinha... E Nina ficou ali, totalmente esquecida da hora, perdendo-se de página em página, reencontrando personagens queridos, revendo as ilustrações, lendo uma frase aqui, outra ali...

- Nina, você não vai para o trabalho? Os meninos já estão prontos.

Acordada pela voz da babá, Nina fechou o livro sem ter lido a história que queria, colocou-o na bolsa, pegou os filhos pelas mãos e saiu atrasada em busca de um táxi. No caminho pensou: como posso contar essa história se não me lembro do que acontece? E se os cabritinhos não forem salvos? Alguma criança pode se assustar com a história. É melhor eu ler primeiro. Abriu o livro e começou a ler silenciosamente.

- Mãe, eu também quero ouvir essa história.

- Filho, deixa a mamãe ler aqui rapidinho. De noite eu te conto.

Mas Nina não resistiu ao pedido do filho maiorzinho e começou a ler em voz alta. Se um dos meninos ficasse com medo, ela saberia consolá-lo.

“Era uma vez uma cabra que tinha sete cabritinhos. Ela os amava com todo o amor que as mães sentem por seus filhinhos. Um dia, ela teve de ir à

floresta em busca de alimentos. Então, chamou os cabritinhos e lhes disse: - Queridos filhinhos, preciso ir à floresta. Tenham muito cuidado por causa do lobo. Se ele entrar aqui, vai devorá-los todos.”

Nina lia com entonação e tinha o conto sob seu domínio. Sabia que o lobo surgiria, que enganaria os cabritinhos e que conseguiria entrar na casa. Em sua narração, brincava com as vozes dos personagens e ia criando expectativas sobre o que viria pela frente. Só que na medida em que a história se aproximava da parte em que o lobo entraria na casa e comeria os cabritinhos, ela mesma começou a ficar apreensiva. Não se lembrava do final. E se eles não se salvassem? Seu coração começou a acelerar, como quando era criança e a voz da mãe lhe contava daquele lobo e daqueles cabritinhos assustados. Era como se ela estivesse ouvindo a história pela primeira vez. Enquanto narrava, voltou-se para a conhecida ilustração, em busca de alguma resposta, mas sua aflição impediu-a de perceber o cabritinho a salvo na caixa do relógio. Mesmo assim, Nina continuou a história: mas agora, não era mais apenas a sua leitora, era também sua ouvinte, ansiosa pelo desfecho final.

Dentro do táxi, apenas as palavras do conto ressoavam.

“O lobo foi achando e comendo, um a um, cada um dos cabritinhos. Só escapou o mais moço, que estava na caixa do relógio. Quando satisfez seu apetite saiu [...]. “Momentos depois, a cabra voltou da floresta, procurou os filhinhos, mas não os achou. Chamou-os pelos nomes, [...] quando chamou o mais moço, uma vozinha muito sumida respondeu: - Mãezinha querida, estou aqui, no relógio. [...] Depois de algum tempo, ela saiu pelas redondezas. O cabritinho acompanhou-a. Quando chegaram ao gramado, viram o lobo dormindo debaixo de uma árvore”.

De repente, Nina fez uma pausa e seu rosto apreensivo foi mudando de expressão. Era isso! A mãe ia conseguir tirar os cabritinhos da barriga do lobo! Deu um longo suspiro e, novamente dona da história, continuou sua leitura. No banco do carro, seus filhos ainda esperavam pelo final do conto.

E foi assim, desfiando com emoção cada palavra do texto, cada passagem que ainda faltava acontecer, que Nina foi compartilhando com seus filhos a leitura de O Lobo e os sete cabritinhos. Percebeu a torcida dos filhos para que o lobo não acordasse enquanto a cabra abria sua barriga. E mesmo sabendo que o plano daria certo, torceu junto com eles. Viu como os meninos vibraram com a saída de cada um dos cabritinhos de dentro do lobo. E vibrou junto. E quando a história contou que cada cabritinho, ao ver-se a salvo do malvado, abraçava com alegria a mamãe cabra, apertou os filhos entre os braços e deu-lhes muitos beijinhos. Por fim, quando o lobo caiu no poço e finalmente morreu, Nina, tão animada quanto os cabritinhos e os filhos diante do final feliz da história, cantarolou: “Podemos viver, sem ter mais cuidado, o lobo morreu, no poço afogado.” Repetiu uma, duas, três vezes e caiu na gargalhada com seus meninos. Depois, guardou o livro na bolsa. Estavam quase chegando à escola.

Quando o táxi parou, o motorista recebeu a corrida e comentou: muito boa essa história que a senhora contou. Nina sorriu. Não há mesmo idade para se ouvir uma boa história, pensou. Agradeceu o comentário e saiu do carro com as crianças. Estava feliz. E pronta:

para dar sua primeira aula do dia e para mais uma vez mergulhar na história O Lobo e os sete cabritinhos.

A MOÇA DOS LIVROS

Autor: Silvia Barbosa de Carvalho

Rio de Janeiro – RJ

Meus pais se conheceram em uma estação de trem no subúrbio do Rio de Janeiro, esta cidade ainda maravilhosa apesar de tantos dissabores. Ele de terno e gravata, bigode fino, fazendo o estilo galã de cinema da época. Nas mãos, um exemplar do jornal O Dia. Ela, bem tímida, de poucas palavras e olhar doce. Seu vestido godê, feito por ela, era de estampa floral, delicado e muito bem passado. Bolsa de pérolas, também obra sua. Os dois, a caminho do trabalho. Ele gostou dela. Ela gostou dele. Namoraram. Noivaram. Casaram. Tiveram uma longa vida juntos. Riam com facilidade e apreciavam as coisas simples do dia a dia.

Nunca brigavam na nossa frente. Exceto quando a polemica era o “bendito jornal”, como ela costumava referir-se à publicação diária. Reclamava que era um gasto desnecessário já que as notícias eram iguais. Ele retrucava que ela deveria ter desistido dele lá, na estação de trem. Porque um homem que carrega um jornal, haveria de ser alguém que gosta de ler.

Chegou a realizar complexa operação matemática em favor do tabloide, com o montante aproximado de informações perdidas, não fosse ele manter o hábito de comprar o jornal. Ao que ela contra-atacou valendo-se do capital imaginário para adquirir viagens, casas, carros e tudo mais que conviesse às suas motivações. As possibilidades eram infinitas. Nós achávamos graça daqueles embates, principalmente por que liam o jornal juntos, todos os dias. Nunca soubemos o porquê da contenda. Talvez fosse o jeito que encontraram de rejuvenescer o afeto. Mas, quem haverá de entender os amantes?

Além dos jornais, havia os livros. Sempre estavam lá, ao alcance dos interessados. Alguns chegavam pelo correio, através do Círculo do Livro. As bancas de jornal, eu amava. Mas, não tenho lembrança de frequentar livrarias, o que reforçava minha teoria de que os livros eram encantados. Apareciam quando dele precisávamos.

Gostávamos de ler juntos e inventar novos caminhos para nossos personagens prediletos. Arriscamos a vida entre os perigos de A Ilha Misteriosa e mergulhamos nas profundezas do mar em Vinte mil léguas submarinas, ambos de Julio Verne; experimentamos as dificuldades de estar no lugar do outro em O príncipe e o mendigo, de Mark Twain; conhecemos príncipes, ladrões, mentirosos, alfaiates e reis nos Contos das mil e uma noites. Foram muitas as viagens mais que lidas, contadas em família.

Eram os tempos sombrios da ditadura militar, mas em casa vivíamos em um Estado independente de leitura, sem censura. Se estivesse por lá, podia ser lido. Simples assim. Isso me levou aos livros: Como plantar cebolas, Como montar uma estação de rádio, Manuais de mecânica de trens e automóveis, livros de arquitetura e vários de Agatha Christie e Mutações de Liv Ullmann, estes últimos bem menos indicado ao público infanto-juvenil, eu reconheço. Um não tive coragem de abrir: O Universo em Desencanto. Ouvi dizer que quem o lia, ficava louco. Então a leitura enlouquece? Achei melhor não arriscar. Foi a primeira vez que me deparei concretamente com o poder do livro.

Uma tarde, já adulta, meus pais chegaram com um presente: A menina que roubava livros, de Markus Zusak. Na dedicatória: “Para a menina que ama os livros, a história de outra menina que também devia gostar já que andou por

aí a roubá-los! Leia e depois nos conte a história, queremos conhecer os motivos da moça. Com amor, seus pais”.

A vida ainda deu muitas e muitas voltas depois daquele presente. E, aos poucos, ele foi desaprendendo a compartilhar notícias, perdeu o caminho de casa e do pensamento. Um dia me olhou desencantado, às mãos, o jornal:

– Eu conheço as letras, mas não consigo juntar as palavras...

Morreu ali, muito antes de morrer de vez, alguns anos mais tarde. Passei a juntar as palavras por ele. Lia o jornal, bang-bangs, ditados, letras de música, dedicatórias, histórias da infância. Meu jeito de tentar trazê-lo de volta. De tanto brincar de esconde-esconde, a memória se perdeu dele de vez. Como um quadro branco, onde depois de repetidas escrituras, ficam apenas os rastros das muitas histórias escritas nele, foi sumindo em si mesmo. Um estranho, vivendo entre estranhos. Nós também estranhos naquele cenário sem lembranças.

– Eu conheço você? – me perguntou um dia.

– Sou eu, pai, sua filha.

– Eu tenho filha?

Emudeço. Dedica seu tempo a me observar tentando dar sentido aquele encontro. Toca minha mão e pega o exemplar que trago comigo: Mar morto, de Jorge Amado, presente dele para minha irmã. Experimenta o livro, virando e revirando o objeto ensaiando a palavra e seu sentido correspondente.

– Livro... Eu gosto...

– Eu também. Posso ler para você?

– Pode.

Começo a leitura, voz embargada. Ainda nas primeiras linhas, me interrompe. Parece retornar ao mundo dos vivos. No rosto um lampejo de seu brilho de antes, falseando um sorriso. Bate na testa como quem precisa ajudar a cabeça a funcionar.

– Ah, mas eu sei quem você é! Você é a moça dos livros.

A definição me comove, tanto quanto sua alegria em nomear minha existência. Relembro o livro e a dedicatória de anos atrás. Fina ironia do destino? Não creio. Aquele era mais um dos momentos em que a mágica da literatura se revela. Como na história que nunca leram, estava eu ali, brincando de enganar o tempo e seduzir a morte com a leitura. Embate inglório, mas necessário.

– Sim, eu sou a moça dos livros.